



Mulheres, liturgia, confusão e paz em 1Coríntios

14.26-40

Women, liturgy, confusion, and peace in 1Corinthians

14:26-40

PAULO SÉRGIO DE PROENÇA^a

Resumo

Paz está associada a um contexto litúrgico na parte final de 1Coríntios 14. Gerada em meio a cânticos e orações, ela nasce dentro de nossos templos e de nossas comunidades. Ela fertiliza consciências e as motiva ao compromisso com a não-violência. A partir de breves considerações exegéticas serão observados diversos elementos que emolduram o texto, sobre o qual são projetadas possibilidades motivadoras de atualização, no que concerne à urgência da emergência de uma consciência de paz em nossas celebrações litúrgicas. Essa paz é inclusiva e surge da tensão que diz respeito à fala, ou melhor, do poder falar. Mulheres têm papel importante nesse processo.

Palavras-chave: Liturgia. Paz. Mulher. Falar. Poder.

Abstract

Peace is associated with a liturgical context in the final part of 1Corinthians 14. Generated through songs and prayers, it is born within our temples and communities. It fertilizes consciences and motivates them to commit to non-violence. From brief exegetical considerations will be observed several elements that frame the text, on which are projected possibilities motivating updating, regarding the urgency of the emergence of a conscience of peace in our liturgical celebrations. This peace is inclusive and arises from

^a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde, BA, Brasil. Doutor em Letras, e-mail: pauloproenca@bol.com.br

the tension that concerns speech, or rather, power to speak. Women play an important role in this process.

Keywords: Liturgy. Peace. Women. Talk. Power.

Introdução

Adoração é uma das grandes forças unificadoras do cristianismo. Pois na adoração há espaço para um esbanjamento de linguagem, para uma liberdade [...] que estão ausentes nas declarações kerygmáticas e confessionais [...] Adoração une, doutrina divide.

(DUNN, 2009, p. 219).

Por que viver em paz é tão difícil, inclusive em espaços eclesiais? Não é exagero afirmar que em nossas celebrações tem havido discriminação. Nossas liturgias são ocasiões privilegiadas para a vivência do mistério do encontro com Deus configurado na dinâmica dos movimentos cúlticos e no encontro e comunhão com o outro. Por outro lado, elas podem produzir exclusão e segregação; podem reproduzir formas de hierarquia consagradas na vida em sociedade que oprimem em vez de libertar – com uma agravante: ocorre em momentos e espaços sagrados.

É sugestivo que Paulo se sirva do termo *paz* num trecho importante de 1Coríntios para fundamentar a finalidade da liturgia. *Paz* tem, sim, muito a ver com cânticos, orações, homilias e sacramentos; pode então se ampliar para outras dimensões da vida pessoal, comunitária e social. E a liturgia, como parte de poderosos elementos da religião, molda mentalidades e comportamentos e contribui, de forma decisiva, para a construção da paz. Ou para o contrário.

Desafio adicional diz respeito ao fato de as mulheres estarem no centro da proibição de falar nas celebrações. Isso tem sido motivo de debates e divergências entre ramos do cristianismo; segmentos mais conservadores, apoiados em 1Coríntios (1Co), aceitam que às mulheres cabe o papel de submissão, não se permitindo que elas tenham participação nem representação nos serviços da liturgia e em espaços de poder da comunidade.

Nesse sentido, toca-se na importância do tema, sobretudo para, se necessário, darmos à liturgia nova dimensão, compatível com a construção e a

manutenção da paz. Ela deve ser entendida não apenas como um estado de não violência (imposta por quem detém o poder), mas como alteração de padrões de convivência, promoção de diálogo, superação de dificuldades e remoção de obstáculos nas relações interpessoais e comunitárias. A paz, então, é projetada para muito perto e passa a depender unicamente de nós.

Serão apresentadas algumas notas e preocupações sobre a importância da construção da paz em nossas celebrações. O trecho será examinado no contexto imediato em que se encontra, a partir de uma perspectiva exegética (WEGNER, 2005; BERGER, 1998; PROENÇA, 1999; FEE, 1994).

O contexto do capítulo 14 de 1Coríntios

Nesse capítulo mais evidentemente se verifica a preocupação com a prescrição de princípios para o correto serviço do culto. Predominam termos pertencentes ao campo semântico da fala: dizer, profetizar, exortar, sons, interpretar, tocar (flauta ou cítara), trombeta, língua, palavra, voz(es), orar, cantar, bendizer, línguas, adorar, testemunhar, salmo, hino, doutrina, calar, revelação, interrogar. Esse inventário mostra a preocupação do apóstolo. Quando se deve falar? Quando se deve calar? Há uma série de princípios a isso relacionados. O capítulo orienta como e quando se deve falar em línguas e dá orientações sobre a fala dos profetas e a das mulheres.

A preocupação central do capítulo 14 é manutenção da inteligibilidade dos conteúdos da mensagem cristã veiculados pelas atividades que se servem da fala, seja profecia, seja glossolalia. Tal inteligibilidade precisa ser possível, a fim de que possa haver conversão (no v. 14.25, a conversão é o fundamento da vivência dos dons). Essa inteligibilidade da mensagem está no centro da tensão indivíduo-comunidade, na qual tocam diretamente os primeiros versos desse capítulo; é a mesma tensão existente no par profecia-glossolalia; a glossolalia edifica o indivíduo, ao passo que a profecia edifica a comunidade. Se houvesse interpretação das palavras ininteligíveis do glossólalo, então o dom poderia ser admitido; assim, haveria equivalência à profecia (caso em que a glossolalia se torna dispensável). Os carismas, como dons, ainda que extáticos, deveriam estar subordinados à inteligibilidade da pregação cristã; passar-se-ia do nível

absolutamente pneumático (intangível, extático) a um processo mental alcançável pelo homem e, portanto, inteligível (PROENÇA, 1999). Vejamos os versículos:

14.9. Assim, vós, se, com a língua, não disserdes palavra compreensível, como se entenderá o que dizeis? Porque estareis como se falásseis ao ar.

14.13. Pelo que, o que fala em outra língua deve orar para que a possa interpretar.

14.14. Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.

14.19. Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua.

Para se visualizar melhor as diferenças entre profecia e glossolalia, é apresentado abaixo contraste de traços de ambas, de acordo com as características apontadas pelo capítulo 14:

Quadro 1 – Comparação das características da profecia e da glossolalia

Traços	Profecia	Glossolalia
Procede do Espírito	+	+
Dispensa intermediário	+	-
Edifica a igreja	+	-
Revela os mistérios do coração	+	-
Converte o incrédulo	+	-
Não escandaliza o não-crente	+	-

Fonte: Proença (1999).

Com isso, verificam-se os critérios para a admissão da superioridade da profecia em relação à glossolalia. Aquela tem mais características positivas em relação à glossolalia. O profeta pode traduzir em conteúdo inteligível o inefável da experiência pneumática. O glossólalo esconde; o profeta revela. Glossolalia e profecia se sustentam na fala e disso decorre a construção da paz, identificada na veiculação de conteúdos compreensíveis por todos.

Aspectos literários

Propõe-se inicialmente uma estruturação para 1Co 14.26-40. A seguinte configuração é possível:

- Introdução: falas múltiplas/edificação – 26
- Outras línguas e interpretação – 27-28
 - Afirmação: Dois ou três, com intérprete
 - Restrição: Sem intérprete deve haver silêncio
- Profecias (revelação) 29-32
 - Afirmação: Dois ou três
 - Restrição: Se outro receber revelação, o primeiro deve ficar em silêncio
 - Afirmação: Todos podem profetizar
 - Restrição: Deve haver sujeição
- Transição (?) – Confusão/paz; todas as igrejas - 33
- Mulheres – 34-35
 - Afirmação (pressuposta: as mulheres falavam na assembleia)
 - Restrição: 34
 - Atenuação da restrição: 35
- Exclusividade – 36
- Profeta: reconhecimento do mandamento do Senhor – 37
- Quem ignora: seja ignorado – 38
- Conclusão: (imperativos)
- Profetizar – 39
- Outras línguas – 39
- Decência e ordem – 40

Preenchendo esses itens com os elementos do texto, temos:

Introdução – v. 26: *Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação*

Outras línguas e interpretação – 27-28

Afirmação: Dois ou três, cada um por vez, com intérprete (27): *No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete.*

Restrição: Sem intérprete deve haver silêncio (28): *Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus.*

Profecias (revelação) 29-32

Afirmação: Dois ou três (29): *Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem*

Restrição: Se outro receber revelação, o primeiro deve ficar em silêncio (30): *Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro.*

Afirmação: Todos podem profetizar (31): *Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados.*

Restrição: Deve haver sujeição (32): *Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas*

Transição – Confusão/paz; em todas as igrejas (33): *porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos,*

Mulheres – 34-35

Restrição (34): *conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina.*

Atenuação da restrição (35): *Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja.*

Exclusividade (da igreja?) (36): *Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros?*

Profeta: reconhecimento do mandamento do Senhor (37): *Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor*

Quem ignora: seja ignorado (38): *E, se alguém o ignorar, será ignorado.*

Conclusão: (imperativos)

Profetizar (39a): *Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar*

Outras línguas (39b): *e não proibais o falar em outras línguas.*

Decência e ordem (40): *Tudo, porém, seja feito com decência e ordem¹.*

Além dessa possibilidade de organização do trecho, propõe-se a percepção de estrutura concêntrica, comum no pensamento e na retórica poética hebraica, conforme apresentado nesta disposição:

¹ Nesse trecho, comportamentos prescritos (afirmação) são seguidos de restrições, o que sugere cuidado do apóstolo em lidar com tensões da comunidade, a fim de equilibrar o jogo entre os segmentos em disputa.

- A – Introdução – v. 26
- B – Outras línguas e interpretação – 27-28
- C – Profecias (revelação) 29-32
- 33: Confusão/paz/ 36 (exclusividade)
- C' – Profetizar/Profeta 37- 39
- B' – Outras línguas – 39
- A' – Conclusão – v. 40

Nessa estrutura, o v. 33 ocupa posição central: a paz é o eixo em torno do qual a passagem se sustenta. Há também uso expressivo de artigos e pronomes demonstrativos, no v. 26, para realçar a diversidade dos dons (conforme capítulo 12 da mesma epístola): *um, outro; este, aquele; aquele, ainda outro*. Há, ainda, emprego enfático de *todos* (v. 31), o que se combina com a diversidade do reforçada no v. 26, com o emprego dos demonstrativos.

O v. 33 “porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos” é uma cunha, uma dobradiça que pode se ligar tanto ao que vem antes quanto ao que vai depois, conforme foi demonstrado na possível estrutura concêntrica acima apontada. E as mulheres vêm depois disso...

Considerações de crítica textual

A parte final dos capítulos 12 e 14 converge para a necessidade de ordem no culto. A síntese do trecho pode ser apontada na primeira parte do verso 14.33: “porque Deus não é de confusão e sim de paz” (οὐ γὰρ ἐστὶν ἀκαταστασίας ὁ θεὸς ἀλλ’ εἰρήνης) e no versículo 40: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (πάντα δὲ εὐσχημόνως καὶ κατὰ τάξιν γινέσθω).

Dentro dessa perspectiva merece atenção a proibição dirigida às mulheres no contexto da ordem na *ekklesia*. Há três instruções que dizem respeito à administração da fala: a primeira diz respeito à fala dos glossófalos; a segunda se refere à fala dos profetas; a terceira, à fala das mulheres. Há um reforço na expressão “como em todas as igrejas dos santos”, do v. 14.33b (Ὡς ἐν πάσαις ταῖς ἐκκλησίαις τῶν ἁγίων). Essa parte ocupa posição flexível no contexto; pode se ligar ao que vem antes dela (fala dos glossófalos e dos

profetas), que termina na parte primeira do v. 33, ou pode ligar-se ao que segue, que é exatamente a prescrição de silêncio às mulheres (a partir do v. 34). Esse trecho poderia separar duas sequências (está impresso em linha isolada, na 28ª. Edição do texto grego de Nestle-Aland).

Se entendido como ligação com o que vem antes, teríamos:

32 os espíritos dos profetas estejam submissos aos profetas, 33 pois Deus não é de confusão, mas de paz, como em todas as igrejas dos santos [...].

32καὶ πνεύματα προφητῶν προφήταις ὑποτάσσεται, 33οὐ γάρ ἐστὶν ἀκαταστασίας ὁ θεὸς ἀλλ' εἰρήνης. Ὡς ἐν πάσαις ταῖς ἐκκλησίαις τῶν ἁγίων (grifos nossos).

Nesse caso, a expressão em relevo indicaria argumentação relacionada à submissão dos profetas aos profetas, em particular, e de todos a todos, no geral, do que deveria resultar paz e não confusão.

Outra possibilidade sintática é ligar a expressão marcada não com o que a antecede, mas com o que segue; nesse caso, a expressão “pois Deus não é de confusão, mas de paz, como em todas as igrejas dos santos” estaria ligada ao silêncio das mulheres:

[...] Pois Deus não é de confusão, mas de paz, como em todas as igrejas dos santos, 34 as mulheres fiquem caladas nas igrejas; não é permitido a elas falar, mas sejam submetidas², conforme diz a lei.

33 οὐ γάρ ἐστὶν ἀκαταστασίας ὁ θεὸς ἀλλ' εἰρήνης. Ὡς ἐν πάσαις ταῖς ἐκκλησίαις τῶν ἁγίων. 34 αἱ γυναῖκες ἐν ταῖς ἐκκλησίαις σιγάτωσαν· οὐ γὰρ ἐπιτρέπεται αὐταῖς λαλεῖν, ἀλλ' ὑποτασέσθωσαν, καθὼς καὶ ὁ νόμος λέγει.

Além dessas alternativas, pode-se admitir que essa sequência é uma espécie de cunha que une as possibilidades e torna o texto ainda mais incisivo, o que ficou demonstrado na estrutura concêntrica já apresentada.

As mulheres participavam na adoração carismática? Isso não fica claro totalmente, apesar da evidência da proibição. 1Co 14. 34-35, se original, parece excluir qualquer contribuição das mulheres, mas uma interpretação menos rigorosa é possível: elas estão proibidas somente de interromper pronunciamentos proféticos, e a participação delas deveria ser aceita nos

² Em tradução própria propõe-se “sejam submetidas”, apesar de parecer até chocante; no entanto, é preciso considerar que o original ὑποτασέσθωσαν está no presente imperativo passivo (PERSCHBACHER, 1996, p. 422).

outros casos, conforme 1 Co 11.5, que admite claramente a participação de mulheres (DUNN, 2009, p. 226). Elas, até então contidas por um silêncio involuntário nas sinagogas, experimentavam relativa liberdade de expressão. Aparentemente, isso estava provocando confusão nas assembleias litúrgicas.

A prescrição de silêncio às mulheres tem sido objeto de controvérsias, com desafios exegéticos consideráveis, principalmente com a emergência das leituras desafiadoras feitas sob a perspectiva de um novo princípio hermenêutico: a categoria de gênero.

É necessário observar que os versículos 34 e 35 aparecem em lugares diferentes em alguns manuscritos e, segundo respeitáveis especialistas, o trecho não é original; seria acréscimo posteriormente incorporado ao texto (daí a divergência quanto à sequência em que ocorre). Deve ser registrado que, apesar dessa divergência, nenhum manuscrito conhecido omite a passagem, do que se deduz a antiguidade da inserção.

A dificuldade maior, contudo, não é textual, mas hermenêutica, porque o argumento evocado para o silêncio das mulheres (o que de fato incomoda) ocorre em outras partes do Novo Testamento, não sendo convincente na pena de Paulo; em 1Co 14 evoca-se a lei como fundamento da proibição de fala às mulheres, o que seria inesperado se for considerada a origem paulina de tal argumento; assim, seria difícil conceber que a lei dos judeus pudesse ser evocada para dar autoridade a essa prescrição.

Gordon Fee (1994, p. 791-802), exegeta de tradição pentecostal e especialista em crítica textual, faz análise competente dos versos 34 e 35. Nota ele que, apesar de estarem presentes em todos os manuscritos conhecidos, tais versículos provavelmente formavam uma glosa marginal posteriormente acrescida ao original. Forte argumento para a suspeita é a não contradição do apóstolo, pois em 1Co 11 Paulo orienta a participação das mulheres no culto e admite que elas falem e profetizem (FEE, 1994, p. 802):

[...] em linha com as questões textuais, a exegese do texto mesmo conduz à conclusão de que não é autêntico. Se é assim, então certamente não é vinculante para os cristãos. Se não é assim, então as consideráveis dúvidas acerca de sua autenticidade devem servir de precaução contra seu uso como proibição eterna em uma cultura em que não seria coisa indecorosa o que as mulheres falaram desse modo na assembleia.

Tais considerações são convincentes. Entretanto, deve-se procurar o efeito de sentido que o texto em seu arranjo final quer provocar. A intenção dos versículos 34 e 35 é ostensivamente impedir que as mulheres tenham permissão para falar em público na assembleia da igreja (*ekklesia*), e o argumento utilizado para isso é a invocação de uma proibição contida na *Lei* (καθὼς καὶ ὁ νόμος λέγει), aqui entendida como sendo a dos judeus. Como esse argumento é muito dificilmente atribuível a Paulo, pode ter procedido de algum copista (ou corretor textual) judeu-cristão, cujo pano de fundo cultural admitia sem problemas tal lugar social para as mulheres. Com o modelo cristão de reuniões, as mulheres possivelmente estavam tendo participação mais ativa nas celebrações, como ocorria nos demais cultos pagãos; e, pelo fato de o modelo cristão nascente precisar de elementos de distinção em relação a esses cultos, restringiu-se a elas o acesso pleno a todas as formas de participação. Com referência à invocação à lei, deve lembrar-se que um dos grupos mencionados no começo da epístola era ligado a Cefas; daí a desconfiança de que os cristãos de origem judaica tivessem feito triunfar, de certa forma, suas convicções próprias a respeito disso.

A ordem (a paz!) estava sendo atingida pelo silêncio de uma parcela significativa da comunidade. Esse silêncio forçado não pode subscrever a paz.

Características formais

1 Co 14.26-40 tem características parenéticas (BERGER, 1998) que apresentam comportamentos a serem observados e proíbem outros, reprováveis quanto à vida litúrgica da comunidade. Usam o imperativo e propõem solução de casos específicos.

Assim, a experiência que motivou o texto, o lugar de vida em que ele se situa é o culto (WEGNER, 2005). Mais precisamente, a maneira de organização de atos e elementos do culto que têm na fala a sustentação principal. O que falar? Quando falar? Como falar? Quem deve falar? Disso se desdobra outra orientação: calar/falar se projeta no jogo de poder e de interesses, de que deriva a tensão na comunidade, o que exige a intervenção do apóstolo.

A intenção, então, ao que parece, é prescrever uma orientação sobre o equilíbrio entre falas e administrar as tensões surgidas por eventual embate

entre os que queriam e podiam falar e entre os que não podiam (e queriam). Decorre daí que a intenção também era exigir respeito e tolerância para uma vivência litúrgica que refletisse a legítima posse do Espírito.

No caminho, as mulheres

Como para Paulo não havia, em Cristo, distinção de sexo, de condição social nem de nacionalidade (Gálatas 3.28), algumas mulheres poderiam ter pensado que não eram inferiores aos homens, como então se admitia. E de fato não eram, prova disso é que o apóstolo tinha muitas mulheres que exerceram efetivo protagonismo nas atividades da liturgia e da missão; muitas

mulheres exerceram proeminente papel nas igrejas cristãs primitivas, incluindo aquelas associadas ao apóstolo Paulo [...]. Em Corinto, mulheres eram membros plenos do corpo, com dons espirituais e direito a usá-los. Elas participam ativamente nos serviços de culto, oração e profecia, ao lado dos homens (1Co 11.4-6) (EHRMAN, 2000, p. 363).

No mundo antigo, contudo, os considerados mais fracos (inclusive biologicamente), como as mulheres, deveriam servir aos mais fortes e havia domínios específicos para eles. Espaços públicos eram destinados a homens e mulheres eram confinadas ao espaço da casa e da família, ainda que lá maridos continuassem a mandar. Como as comunidades eram instituições domésticas, era inevitável que mulheres exercessem protagonismo (EHRMAN, 2000).

Segundo Koester (2005), a mulher não tinha lugar confortável no mundo antigo; dependia do marido ou do pai, sendo o espaço doméstico seu lugar; a situação poderia estar em mudança no tempo do Novo Testamento, com eventual liberdade maior para elas, ainda que com restrições: “o período helenístico trouxe muitas mudanças. Uma maior mobilidade, uma menor autossuficiência das famílias e um destaque crescente à educação propiciaram às mulheres mais oportunidades e mais tempo livre” (KOESTER, 2005, p. 66).

Para Jeffers (1999), apesar de ocupar posição desfavorável no período do Novo Testamento, as mulheres urbanas poderiam desfrutar de alguma liberdade, principalmente as que atuavam no comércio e manufatura, não ficando exclusivamente reclusas em suas casas:

Mulheres eram também ativas fora de casa, em matéria de religião. Elas tomavam parte em cultos praticado por mulheres, mas participavam também em cultos privados que atraíam ambos os sexos e com status oficial. Cultos novos, antes de serem estabelecidos, davam a mulheres liberdade ofícios junto a homens. À medida que esses cultos ganhavam respeitabilidade na sociedade maior, removia mulheres da liderança. (JEFFERS, 1999, p. 251)

A proibição destinada especificamente às mulheres pode ser associada ao fato de elas estarem profetizando? Deve ser observado que as restrições são destinadas a outros grupos (profetas e glossófalos) e não somente às mulheres. Em adição, deve ser observado que há restrições para todos os grupos, mas somente para as mulheres há atenuação da restrição.

Não é intenção de 1Co enquadrar a participação das mulheres de forma restritiva; elas são tratadas com isonomia em relação aos demais grupos (profetas e glossófalos) que participavam da assembleia litúrgica; o texto é neutro em relação a elas. Ora, considerando os versos 34 e 35 como parte integrante da sequência, podemos inferir que a proibição às mulheres não é objetivo primeiro do texto, e, se esses dois versículos forem considerados como acréscimos, a hipótese se sustentaria de forma mais convincente, pois haveria restrições somente aos profetas e glossófalos.

Isso indica que esse trecho bíblico não autoriza o silêncio nem a submissão das mulheres. Devemos reconhecer que têm elas sido caladas nas igrejas, com base nele; suas vozes têm sido silenciadas, inclusive por meios violentos, de forma física ou simbólica.

1 Co 14.26-40 foi escrito para organizar a liturgia para que pudesse haver paz e não confusão. Para isso, alguns foram forçados a se calar. Essa prescrição foi válida para aquele contexto. Para outros, é possível que a recomendação seja diferente: para manter a paz e a ordem, talvez seja preciso que as pessoas falem. O que está em jogo é a paz. Dela nascem a inteligibilidade da mensagem cristã e a força pneumática para a conversão dos não crentes. Em muitos casos a paz depende de que grupos silenciados falem...

Essa situação materializa dissimetrias em trocas sociais. O linguista Dijk (2015) “estuda a convergência entre práticas discursivas que se consomem na dominação exercida por elites simbólicas, cujo resultado é o aparecimento de formas de dominação que diretamente provocam desigualdade. Nesse arranjo, os discursos, por estratégias diversas, têm propriedades associadas à

reprodução do poder. Diz ele que quem detém o poder decide quem pode falar, quando, o quê e a situação. A prerrogativa do uso da palavra e do acesso aos mecanismos de produção e difusão de discursos está ligada ao poder que os usuários exercem no contexto social em que vivem” (DIJK, 2015, p. 44).

“A igualdade em Cristo pode ter-se manifestado nos cultos de adoração das comunidades paulinas. Antes de silenciosas ‘ouvintes da palavra’, as mulheres parecem ter estado ativamente envolvidas nas reuniões semanais dos companheiros, participando, orando e profetizando tanto quanto os homens” (1Co 11). Apesar disso, a voz delas foi abafada em um mundo patriarcal que impunha restrições severas à livre participação de grupos socialmente desprestigiados nos bens culturais e espirituais.

Elemento adicional deve ser acrescido a essa resistência a mudanças: a expectativa escatológica. O apóstolo insistia que, “dado que o tempo era curto (antes da *parusia*), cada um devia se contentar com os papéis a si atribuídos e ninguém deveria tentar mudar a própria posição – escravo, livre, casado, solteiro, homem ou mulher” (1Co 7, 17-24). Isso em muito contribuiu para o incentivo à manutenção daquela ordem social.

Aceitando a cultura “de subordinação da mulher, os escritores do Novo Testamento acentuaram o dever de modéstia, submissão e devoção. Contudo, na prática, constatamos a influência da mulher” na comunidade cristã. Parece que elas, por causa de sua fé, de sua facilidade de comunicação e do potencial de interação social que desenvolvem, mais facilmente se libertaram “dos constrangimentos políticos e sociais, das tradições religiosas e culturais da cidade antiga. Tudo indica que a sua influência doméstica contribuiu para a conversão dos seus parentes e desempenhou um papel essencial na transmissão da fé” (SIQUEIRA, 2009).

Essa trajetória não ficou restrita aos espaços domésticos. Avançou para a dimensão pública e ainda avança para superação de todos os impedimentos, mesmo com todos os ranços que a história registra.

Essa trajetória vitoriosa pode construir a paz, na liturgia e fora dela.

Considerações finais

1 Co14.26-40 não foi escrito para sancionar a submissão nem para cassar a palavra de ninguém; muito menos para instalar a desigualdade. Ao contrário, estabelece a ordem a partir de tratamento idêntico aos diversos grupos concorrentes na comunidade de Corinto.

Tensão da palavra: quem pode falar? Quem deve calar? O direito à palavra é fundamental. É por isso que regimes autoritários cassam a palavra dos cidadãos. A morte individual e social se instala quando não há respeito ao direito de fala. Quando todos falam, com ordem e respeito, é possível haver convergência solidária de propósitos, sentimentos e motivações. E a adoração é essa oportunidade (DUNN, 2009, p. 225):

O corpo de Cristo chega à expressão, vive e se move, por meio da interação mútua dos dons e ministérios, a diversidade de manifestações sendo integradas em uma unidade de propósito e de caráter mediante o controle do Espírito de Cristo [...] A expressão máxima disso é a adoração: é na adoração que a diversidade de funções (= carismata) demonstra sua interdependência mútua e força unificadora.

Paz. Paz na liturgia, com falas livres e inspiradas, sem rancores nem convites ao ódio e à exclusão. Paz na liturgia, com a superação de dilemas e administração de tensões.

A liturgia nos convida a aceitar todas as manifestações que contribuam para a edificação da comunidade. Afinal, Deus não é de confusão, e sim de paz. Se nossas liturgias demonstrarem isso, descobriremos que viver em paz não é tão difícil, principalmente em espaços eclesiais.

Referências

- BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- DIJK, T. A. van. *Discurso e poder*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUNN, J. D. G. *Unidade e Diversidade no Novo Testamento*. 1. ed. Santo André: Academia Cristã, 2009.

EHRMAN, B. D. *The New Testament: A historical introduction to the early Christian writings*. 2. ed. New York/ Oxford: Oxford University Press, 2000.

FEE, G. *Primera epístola a los Corintios*. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Creación, 1994.

JEFFERS, J. S. *The Greco-Roman world of the New Testament era: exploring the background of early Christianity*. Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1999.

KATA MAΘΘΑΙΟΝ (MT na28). *Academic, Deutsche Bibel Gesellschaft*. [S. l.], [20--]. *Novum Testamentum Graece*. Disponível em: <https://www.nestle-aland.com/en/read-na28-online/text/bibeltext/lesen/stelle/51/10001/19999/>. Acesso em: 13 maio 2020.

KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento: História, cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005. 1v.

PERSCHBACHER, W. J. (ed.). *The New Analytical Greek-English Lexicon*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996.

PROENÇA, P. S. *Amor, carismas e crise comunitária: análise exegética de 1 Coríntios 13*. 1999. 205f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Unidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1999.

SIQUEIRA, S. M. A. *Participação Feminina no Movimento Cristão Primitivo: um resgate*. História do Cristianismo - grandes momentos, Campinas, 11 mar. 2009. *Blog*. Disponível em: <http://historiadocristianismoiftbc.blogspot.com/2009/03/participacao-feminina-no-movimento.html>. Acesso em: 15 maio 2020.

WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento. Manual de Metodologia*. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

RECEBIDO: 16/06/2022
APROVADO: 12/07/2022

RECEIVED: 06/16/2022
APPROVED: 07/12/2022